

Jornalistas profissionais: pioneirismo, perfis e trajetórias de mulheres na imprensa norte-rio-grandense (1960-1980)¹

Isabel Cristine Machado de CARVALHO²

Manoel Pereira da ROCHA NETO³

Jéssika Sibelly Pereira BESSA⁴

Liliane Thaís Albuquerque TAVARES⁵

Reijanete Januário S. SILVA⁶

Priscilla FONTENELE⁷

Universidade Potiguar, Natal, RN

Resumo

O presente artigo tem como objetivo registrar a participação de mulheres que contribuíram para a formação da imprensa norte-rio-grandense (1960-1980). Buscamos reconstituir a trajetória profissional dessas mulheres jornalistas, pioneiras e portadoras de diploma universitário, que atuaram no jornalismo impresso, radiofônico e televisivo, bem como nos espaços de formação acadêmica. Para tanto, buscamos material bibliográfico pertinente à investigação, pesquisas no arquivo de empresas jornalísticas, nos acervos particulares de historiadores, entrevistas com as jornalistas elencadas e depoimentos de colegas de profissão. Com esta pesquisa temos a oportunidade de oferecer nossa parcela de contribuição à história do jornalismo potiguar bem como à história das mulheres, ampliando o conhecimento de estudantes de jornalismo e pesquisadores sobre a trajetória da imprensa no Rio Grande do Norte.

Palavras-chave: jornalistas profissionais; perfis; historiografia; mulheres; pioneirismo.

Este estudo nasceu do desdobramento da pesquisa *Uma busca nos arquivos: a história da imprensa norte-rio-grandense (1832-1950)*, finalizado em 2008, apoiado pelo Fundo de Apoio à Pesquisa (FAP) da Universidade Potiguar, instituição na qual leciono,

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Educação (UFRN). Professora do Curso de Comunicação Social-Habilitação em Jornalismo da Universidade Potiguar - UnP, email: icristine26@yahoo.com.br.

³ Doutor em Educação (UFRN). Professor do Curso de Comunicação Social-Habilitação em Jornalismo da Universidade Potiguar - UnP, email: manuneto@yahoo.com.

⁴ Estudante de Graduação 7º Semestre do Curso de Comunicação Social-Habilitação em Jornalismo da UnP-RN. Bolsista da Pesquisa, email: sibellybessa.jorn@gmail.com.

⁵ Estudante de Graduação 7º Semestre do Curso de Comunicação Social-Habilitação em Jornalismo da UnP-RN. Bolsista da Pesquisa, email: lilianethais@hotmail.com.

⁶ Estudante de Graduação 7º Semestre do Curso de Comunicação Social-Habilitação em Jornalismo da UnP-RN. Bolsista voluntária da Pesquisa, email: reijanetej@yahoo.com.

⁷ Estudante de Graduação Tecnológica 2º Semestre do Curso de CST em Design Gráfico da UnP-RN. Bolsista voluntária da Pesquisa, email: prifon@hotmail.com.

entre outras disciplinas, História e Atualidades do Jornalismo no Curso de Comunicação Social. Além do coordenador do projeto, prof. Manoel Pereira da Rocha Neto e das bolsistas, Heloiza Magalhães, Mariana Vieira e Roberta Maia o mesmo teve a participação os alunos da disciplina História e Atualidades do Jornalismo. Esses discentes realizaram uma pesquisa documental nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHG/RN) e no Centro de Documentação cultural Solar João Galvão de Medeiros.

O referido projeto tinha entre seus objetivos traçar perfis de jornais do Rio Grande do Norte, preservar sua memória, construir sua história, disponibilizar material de pesquisa para professores, pesquisadores, historiadores e estudante de Jornalismo, além de fomentar a pesquisa na área da Comunicação Social.

Em agosto de 2006, durante o percurso das pesquisas, deparamo-nos com a revista *Cigarra* que circulou, em Natal, em 1928 e 1929. De imediato, ficamos seduzidos pelo material jornalístico. No entanto, naquela ocasião, tínhamos como objetivo de pesquisa apenas catalogar os periódicos encontrados (entre eles a revista *Cigarra*), buscando construir um banco de dados capaz de balizar o trabalho dos historiadores e dos cientistas da comunicação no Rio Grande do Norte, dentro do período das comemorações dos 200 anos de imprensa no Brasil, comemorado em 2008.

A descoberta desses materiais jornalísticos deixou rastro de curiosidade e inquietação. Tínhamos a sensação de que algo no futuro deveria ser realizado com aqueles exemplares. E foi assim que, em 2010, demos início a mais uma empreitada: a pesquisa intitulada *A contribuição de Maria do Céu Pereira Fernandes na imprensa norte-rio-grandense (década de 1930)*. O estudo teve como objetivo analisar a produção jornalística de Maria do Céu Pereira Fernandes no jornal *O Galvanópolis*, que circulou, em Currais (RN), nos anos de 1931 e 1932.

Cumprido e finalizado este trabalho de pesquisa, em 2011, sentimos a necessidade de ampliar a investigação de diversos impressos norte-rio-grandenses. Foi por esse motivo que, em 2012, produzimos a pesquisa intitulada *Revista Cigarra: cenário social e intelectual de Natal nos anos de 1920*, concluída em 2013.

Paralelamente ao desenvolvimento das pesquisas institucionais já mencionadas e, em articulação com elas, continuamos empreendendo esforços junto aos alunos da disciplina História e Atualidades do Jornalismo⁸ no desenvolvimento de produções

⁸ Strelow (2013), em sua pesquisa de pós-doutorado realizada na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), sob a orientação do prof. José Marques de Melo, em que levantou dados a respeito de estudos sobre a História do Jornalismo no Brasil, constatou que nos primeiros anos deste século houve um período de renovação com a consolidação da disciplina

audiovisuais que buscam registrar a trajetória de veículos, periódicos e perfis de jornalistas que atuaram no Rio Grande do Norte. A exemplo do vídeo *Ana Maria Cocentino: a determinação e a delicadeza de uma jornalista*, desenvolvido pelos alunos Aline Cristina, Anderson Vicente, Juliana Farias, Janaína Silva e Katarina das Vitórias. A produção audiovisual *Rogério Cadengue: Sonho, logo existo*, das alunas Laís Pedrosa, Danielle Soares, Erika Paiva, Karen Oliveira, Lívia Confessor e Nara Peixoto, foi, inclusive, premiada no *XVIII Prêmio Expocom 2011 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação*, etapa regional. Hoje se somam mais de 15 produções audiovisuais que oferecem sua parcela de contribuição à história do jornalismo brasileiro, particularmente o norte-rio-grandense.

Apesar dos esforços empreendidos, sentimos a necessidade de mais produções sobre a temática que irá contribuir com as poucas existentes no Rio Grande do Norte. A pesquisa *Mulheres jornalistas: formando a imprensa norte-rio-grandense (1960-1980)* vem somar e preencher uma lacuna identificada na própria historiografia: a necessidade de buscar essa ‘outra história’, ou seja, revelar a participação das mulheres durante os processos históricos, que é também relevante no jornalismo.

Registramos a participação feminina na imprensa norte-rio-grandense por meio de um levantamento que irá reunir perfis de jornalistas que ofereceram sua parcela de contribuição na construção da imprensa potiguar no período investigado. Jornalistas profissionais, portadoras de diplomas universitários, que atuaram como pioneiras e desbravadoras no jornalismo impresso, radiofônico e televisivo, bem como nos espaços de formação acadêmica desses profissionais. Mulheres cronistas, articulistas, editoras, redatoras, fotógrafas e professoras universitárias.

Justificamos o período investigado, décadas de 1960, 1970 e 1980, uma vez que identificamos nessas configurações eventos que permitiram a inserção da mulher no jornalismo profissional. Em 1962, foi criada a Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, em Natal; na década seguinte a inauguração da primeira estação local de televisão, a TV Universitária de Natal, responsável por absorver boa parte dessas mulheres diplomadas, e na década de 1980 quando se intensifica a participação das mulheres no mercado jornalístico potiguar. Com esta pesquisa, temos a oportunidade de ampliar o conhecimento

nos currículos universitários e a ampliação dos espaços de discussão acadêmica (Intercom, SBPJor, Alcar, Compós, entre outras).

de estudantes de jornalismo e pesquisadores sobre a trajetória do jornalismo no Rio Grande do Norte.

Mulheres e imprensa norte-rio-grandense: breve trajetória

Durante muito tempo, as mulheres foram percebidas como coadjuvantes na história e suas ações pouco ou nunca reveladas. Quase não aparecem na escrita historiográfica, deixando a impressão de que não participavam dos grandes nem dos pequenos acontecimentos da humanidade. Mas será que elas foram de fato meras espectadoras dos acontecimentos históricos?

A escritora inglesa Virgínia Woolf (1985) destaca em seu ensaio *Um teto todo seu*, a ausência da mulher na historiografia do século XIX. Ela sugere, no seu texto, que fosse acrescentado um suplemento à história, de modo que as mulheres pudessem ali aparecer, pois, frequentemente elas são percebidas de relance na vida dos grandes homens, despachadas logo para o segundo plano, ocultando, às vezes, um piscar de olhos, um riso ou uma lágrima.

Referindo-se a essa passagem, Scott (1992, p. 75) registra que “Virgínia Woolf reflete sobre as inadequações da história existente, uma história que necessita ser reescrita, porque em determinados momentos parece um pouco estranha, como se fosse irreal, desequilibrada, ou seja, carente, insuficiente, incompleta”.

Através desta análise, verificamos a lacuna existente dentro da própria historiografia, acarretando considerações que permeiam desde o esquecimento até a diminuição da importância sobre a compreensão histórica da participação da mulher na sociedade:

As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar a sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. [...] Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. Uma outra história. (PERROT, 1988, p. 212)

A necessidade de buscar essa ‘outra história’, ou seja, revelar a participação das mulheres durante os processos históricos, é também importante no jornalismo. Na obra de Sodré (1999), *História da imprensa no Brasil*, não encontramos praticamente nenhuma referência às mulheres editoras, redatoras, produtoras e colaboradoras. O escritor apenas cita, ligeiramente, *O Jornal das Senhoras*, publicado no Rio de Janeiro de 1852 a 1855.

Mais adiante, o autor destaca o nome das escritoras Júlia Lopes de Almeida e Carmem Dolores. Mas, e as outras publicações femininas? E sobre as suas idealizadoras? Retirando *O Jornal das Senhoras*, nenhuma outra produção realizada por mulheres foi destacada pelo escritor. Ficaram esquecidos os jornais *O Belo Sexo* (1862), dirigido por Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar, *O Sexo Feminino* (1873), produzido por Francisca Senhorinha da Motta Diniz e *A Família* (1888), fundado por Josefina Álvares Azevedo. Da mesma forma, não foram registradas as revistas *A Mensageira* (1879), que circulou em São Paulo, sob a direção da poetisa Prisciliana Duarte da Almeida e a *Revista feminina* (1914), fundada pela paulista Virgilina de Souza Salles e que circulou por vinte e dois anos.

Buitoni (1990) foi uma das primeiras pesquisadoras a chamar a atenção para a necessidade de ampliação às pesquisas sobre imprensa feminina. Trabalhos específicos sobre mulheres e imprensa são poucos, o que mostra a necessidade de analisar o tema. Passados dezoito anos após a constatação acima, a lacuna sobre a temática persiste: “o fato é que os estudos sobre a mulher e jornalismo são raros” (ABREU, 2008, p. 148).

Apesar dos estudos estarem mais concentrados na investigação da imprensa feminina e da imprensa feminista, segundo Abreu (2008), as pesquisas se ampliaram e atualmente é possível identificar propostas voltadas para a análise da mulher jornalista de diversos ângulos.

Pesquisadores brasileiros, valendo-se do aporte teórico da História Cultural, têm produzido estudos sobre a temática que desvela e consolida o lugar da mulher na história. Destacamos a presença incisiva das pesquisadoras Mary del Priore, Jane Soares de Almeida, Maria Arisnete Câmara de Moraes, Norma Telles, Otêmia Porpino Gomes e Margareth Rago.

As autoras se notabilizaram quer pelo desenvolvimento de trabalhos, individual e coletivamente, quer pela publicação de textos, organização de obras ou orientação em que a mulher é a personagem principal. (VIDAL, 2006, p 19)

Pesquisas sobre a participação de mulheres que contribuíram para a formação da imprensa norte-rio-grandense, no século XX, são objetos de pesquisa que gradativamente se consolidam. Existem trabalhos sobre esse assunto, como a pesquisa de Rocha Neto (2013) intitulada *Júlia Medeiros: uma trajetória entre a educação e a imprensa no Rio Grande do Norte*. Nela, o autor reconstituiu as práticas jornalísticas e educativas de Júlia Medeiros, no município de Caicó, Estado do Rio Grande do Norte, nas décadas de 1920 e 1930,

justificadas pela visibilidade dessa mulher na construção da sociedade letrada norte-riograndense e participação na imprensa potiguar.

Um outro exemplo é a pesquisa de Carvalho (2012). Em *Sutilezas femininas de Palmyra Wanderley*, o leitor encontra um pouco da biografia de Palmyra Wanderley, seus livros publicados e seus textos jornalísticos registrados na revista *Via-Láctea* (1914-1915) e nos jornais *A República* e *Diário de Natal*, entre o período de 1914 a 1920.

Outras pesquisas sobre a temática foram concluídas. *A contribuição de Maria do Céu Pereira Fernandes na imprensa norte-rio-grandense (década de 1930)*, de Carvalho, Rocha Neto e Mendes (2011), permite

ver as marcas de um determinado tempo condicionado às transformações que a sociedade brasileira vivia naquele momento histórico. Nos seus textos, registrados quase sempre na primeira página do jornal, identificamos sua preocupação em discutir o progresso da nação, a religiosidade, a condição feminina e a educação. (CARVALHO; ROCHA NETO; MENDES, 2011, p. 51-52)

A Dissertação de Nogueira (2002), intitulada *Dolores Cavalcanti: entre a docência e o jornalismo em Ceará-Mirim/RN (1903-1930)*, analisa a contribuição dessa educadora, observando sua relação com a educação e as práticas jornalísticas, durante as primeiras décadas do século XX. Nessa análise, ela representa Dolores Cavalcanti como uma mulher de grande atuação no município de Ceará-Mirim, numa época em que a sociedade valorizava a mulher voltada às atividades do lar e com comportamentos discretos.

Outra mulher de destaque é Francisca Nolasco Fernandes, mais conhecida como Dona Chicuta (1908-1995). Além de educadora, Chicuta Nolasco escrevia crônicas diárias no jornal *A República*, entre os anos de 1948 e 1950; no jornal *A Ordem*, entre 1947 e 1951, outros indícios de “seus escritos evidenciam a sua importância e envergadura intelectual” (MORAIS, 2006, p. 22).

Registramos, ainda, a pesquisa de Gomes (1999) *Imprensa feminina: o jornal A Esperança (1903-1909)*. Com um jornal, um grupo de moças Adelle de Oliveira, Etelvina Antunes, Maria Carolina de Araújo Maciel, liderado pelas duas professoras escritoras Maria Dolores Bezerra Cavalcanti e Izaura Carrilho, ambas editoras do jornal, assumia publicamente o compromisso de divulgar a produção literária feminina local. Circulava como um veículo noticioso e periódico, de tiragem mensal, contendo novidades, constituído de folhas soltas dobradas em forma de caderno.

A História Cultural abriu caminho para a construção desses objetos de estudos. Tal concepção de fazer história também permite a elaboração desta pesquisa, iniciada em abril de 2014. Com a ampliação dos estudos sobre mulheres e jornalismo, é possível investigar a trajetória, o pioneirismo e o perfil de mulheres jornalistas que atuaram na imprensa potiguar.

Alguns historiadores, cientistas sociais ou estudiosos da comunicação procuram entender o lugar que elas ocupam nas redações; outros buscam destacar as imagens e representações que a imprensa está construindo sobre a mulher, o perfil das profissionais, as relações entre profissão e vida privada, biografias de mulheres que foram pioneiras ou se destacaram na profissão, etc. (ABREU, 2008, p. 153).

Os primeiros passos desta pesquisa nos conduziram ao nome de 17 (dezesete) jornalistas: Inês da Cunha Pinheiro, Ivonete de Freitas Cadengue, Nice Maria, Tânia Mendes Damasceno de Farias; Miriam Coeli de Araújo Dantas da Silveira; Lauraci Costa; Vanilda Vasconcelos; Neuza Farache; Vânia Marinho; Marize Lima de Castro; Ana Maria Cocentino Ramos; Lenira Fonseca; Aparecida Ramos; Elieusa Dias; Kátia Valéria; Adeny Kalina e Salete Queiroz.

O que levaram essas mulheres a escolherem o jornalismo? Como era o ambiente universitário? Sofreram preconceito? E após a diplomação, como se deu a inserção nas redações? Como era o ambiente das redações? Foram bem recebidas? Qual o cenário da imprensa potiguar do período investigado? São algumas das nossas inquietações.

Trazer à tona o registro das participações femininas na história, inclusive no jornalismo “pode contribuir para um melhor entendimento das relações sociais e da hierarquização dos indivíduos na sociedade e, sobretudo, pode esclarecer como os valores de igualdade refletem o processo de modernização da sociedade industrial” (ABREU, 2008, p. 147).

Reconstruir pedaços dessa história é conhecer os processos históricos que construíram o sentido das representações jornalísticas da sociedade potiguar. É, ainda, a grande provocação para aqueles que aceitam seguir o caminho da pesquisa. Apesar das dificuldades inerentes ao trabalho do pesquisador, debruçamo-nos a esta inquietação. Enfim, está lançado mais um desafio.

As primeiras impressões da participação feminina no jornalismo brasileiro ocorreram ainda na primeira metade do século XIX. A sociedade encontrava-se em efervescência com o processo de transformação política que culminou com a Proclamação

da República. A sociedade aristocrática brasileira passa a ser estruturada nos moldes de uma república federativa.

No Rio Grande do Norte, jovens intelectuais idealistas e entusiasmados tentavam reorganizar a política local dentro do modelo republicano, seguindo os princípios de uma democracia burguesa, com a visão de modernidade. Como não poderia deixar de ser, as mulheres acompanhavam e, de forma discreta, participavam dessas transformações e, como cidadãs, deram a sua contribuição, inicialmente participando de eventos culturais que lhes proporcionaram oportunidades de utilizar a nova forma de comunicação social, o jornal - até mesmo sem o suporte tecnológico da imprensa - em uma demonstração de determinação para assumir e expressar suas opiniões, embora escondendo os seus nomes através do uso de pseudônimos. (GOMES, 2004)

Grande parte dessas mulheres foi destaque na literatura, no magistério e no jornalismo. O gênero opinativo da crônica e do artigo, adotado preferencialmente por elas, eram assinados com pseudônimos por duas prováveis razões: prática cultural da época ou proteção contra o julgamento público. De acordo com Gomes (2004), entre essas mulheres estava dona Dionísia Gonsalves Pinto, uma das primeiras cronistas brasileiras, reconhecida como Nísia Floresta Brasileira Augusta ou simplesmente Nísia Floresta.

1831 foi um ano fecundo para Nísia. Foi este justamente o ano de sua estreia nas letras. No *Espelho das Brasileiras*, um jornal dedicado às senhoras pernambucanas, do tipógrafo francês Adolphe Emille de Bois Garin, começava a surgir a escritora. E durante os trinta números (de fevereiro a abril) do jornal, a maioria hoje desaparecida. Nísia vai colaborar com artigos em que trata da condição feminina em diversas culturas antigas (DUARTE, 1995).

Ultrapassando a condição de leitora, a escritora Úrsula Barros Garcia ingressa no jornalismo por meio do periódico político *Rio Grande do Norte* (1890-1896). Sua atuação como articulista só foi possível pela permissão de seu pai, Francisco Amorim Barros, diretor do jornal.

Úrsula Garcia escreveu muitos artigos de fundo, muita crônica sacudida, comentados como sendo dos primeiros jornalistas da cidade. Só a família e os mais íntimos sabiam quem era a verdadeira origem dessa prosa percuciente e clara que a todos encantava (CASCUDO, 1976 apud GOMES, 2004).

Entre 1831 e 1987, cerca de novecentas e oitenta mulheres participaram no jornalismo norte-rio-grandense, desde colaboradoras, cronistas, articulistas, editoras, até

jornalistas profissionais atuando no jornalismo impresso, radiofônico e televisivo, conforme registro dos autores: Luiz Fernandes, José Gurgel de Araújo e Manoel Rodrigues de Melo (GOMES, 1999).

Pioneiras no jornalismo profissional norte-rio-grandense

Inês da Cunha Pinheiro e Myriam Coeli de Araújo Dantas da Silveira foram as primeiras mulheres a desbravarem o jornalismo profissional potiguar. Inês, obteve o primeiro registro profissional de Jornalista na DRT/Natal, em 1948, e Miriam Coelli que além de atuar na redação de jornal, tinha diploma universitário de graduação em Jornalismo, pela Universidade de Madrid, no início da década de 1960. Com a criação da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza no ano de 1962, em Natal, Miriam passou a ser também professora de jornalismo.

A Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza despertou o interesse de jovens secundaristas que passaram a fazer opção pela carreira jornalística.

Terminado o período de formação universitária, essas primeiras jornalistas profissionais, respaldadas pelo conhecimento acadêmico e científico, enfrentaram o mercado de trabalho, nas redações de jornais locais, a partir do ano de 1963, quando a Faculdade diplomou sua primeira turma de Bacharéis em Jornalismo. No final da década de 1960, a Faculdade foi incorporada a Universidade Federal no Rio Grande do Norte na condição de Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo. Nos cinquenta e um anos de formação universitária, muitas mulheres jornalistas passaram por seus bancos escolares. Entre elas encontram-se Lenira Fonseca, Aparecida Ramos, Elieusa Dias, Kátia Valéria, Adeny Kalina. (GOMES, 2004)

Em 1965, Lauraci Costa foi a primeira mulher graduada na primeira turma da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza. Atuou no jornal *Diário de Natal* no período de 1966 até 2000.

Abreu (2008, p. 155) revela que “o jornalismo de televisão muito favoreceu as mulheres, dando-lhes maior visibilidade como profissionais”. O telejornalismo surgiu, no Rio Grande do Norte, na década de 1970, com a inauguração da primeira estação local de televisão em 1972, a TV Universitária de Natal. Foi responsável pela descoberta dos primeiros talentos na área televisiva. A mulher jornalista passou a expor sua imagem na televisão por meio do telejornalismo:

O primeiro jornal foi o Telejornal 5, dirigido por Berilo Wanderley. Nesse programa, que foi ao ar em 1973, verificou-se a participação da jornalista Tânia Mendes, a primeira apresentadora do jornalismo potiguar. [...] Outra pioneira do jornalismo potiguar é a jornalista Vânia Marinho, que atuou em diversas funções, como repórter, apresentadora, editora, entre outras. (ROCHA NETO, 2001, p. 101)

A jornalista Tânia Mendes trabalhou em outras empresas jornalísticas, foi docente do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e chefe do Departamento de Comunicação Social (DECOM) da mesma universidade.

Discente de Myriam Coeli, Ana Maria Cocentino é uma das primeiras jornalistas profissionais do Estado a assumir plenamente as atividades jornalísticas. Terminou o curso de Jornalismo em 1966. Foi da segunda turma da Faculdade Eloy de Souza. Retorna à faculdade em 1969, agora para lecionar a disciplina História do Jornalismo e Técnica de Jornal. Com a incorporação da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1976, Ana Maria passou a ser professora do DECOM. Permaneceu na função até 1991, quando se aposentou. De acordo com Gomes (2007), ela participou ainda da administração universitária, na condição de chefe de departamento, como membro de conselhos superiores, do conselho editorial da editora universitária e dirigiu o centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, na UFRN.

Paralelamente às funções de docência e de administração universitária, Ana Maria trabalhou nas redações dos jornais *Tribuna do Norte*, *Diário de Natal* e *O Poti*. Primeira mulher a exercer as atividades como repórter fotográfico e diagramadora, atuou como redatora, editora, assessora de imprensa da Secretaria de Educação do Estado e do Instituto de Previdência dos Servidores de Natal. Foi correspondente das Agências de Notícia ANDA e Meridional, presidiu o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Norte (1986-1989) e, entre os anos de 1974 e 1978, dirigiu a Associação Norte-Rio-Grandense de Imprensa (ANI).

Em 1992, mesmo após a sua aposentadoria, retoma suas atividades jornalísticas como editora do caderno mensal DN Educação, coordenadora do Projeto Ler, no Diário de Natal e superintendente do complexo de Comunicação da UFRN, que acolhe a TV Universitária de Natal, a Rádio Universitária da UFRN e a Assessoria de Imprensa da mesma instituição de ensino superior.

A jornalista Marize Lima de Castro, por sua vez, estreita os laços do jornalismo com a literatura. Concluiu o curso de Jornalismo em 1984. A jornalista e poetisa, dedica-se ao

jornalismo cultural. Foi uma das fundadoras e primeira editora do jornal cultural *O Galo*, da Fundação José Augusto, em 1988. Assumiu, em 1993, a editoria do Caderno de Encartes do *Jornal de Natal*. Nesse mesmo periódico, publica a coluna *Fora de Pauta*. Hoje exerce as funções de técnico em Comunicação Social da UFRN, onde faz parte dos conselhos editoriais das revistas *Vivência* e *Odisséia*.

Ivonete de Freitas Cadengue foi da primeira turma do Curso de Jornalismo da UFRN. A jovem tímida iniciou seus estudos no ano de 1974.

Na época não tinha a facilidade que existe hoje, afinal, estamos falando de uma década distinta, onde costumes e modos eram vivenciados de outra maneira. Quando a Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza deixou de existir e foi incorporada à UFRN, muitas foram as dificuldades. Dentre elas a precariedade do transporte público, acesso ao local, ambiente adequado para os estudos e laboratórios. (CADENGUE, 2014)

Ela lembra que o Jornalismo não foi sua primeira opção para o vestibular: “sempre gostei da área da administração. Quando prestei vestibular, minha primeira opção foi para o curso de Administração. O Jornalismo veio em terceiro lugar, por influência de Rogério⁹” (CADENGUE, 2014).

Ivonete Cadengue não passou em Administração e foi aprovada para o curso de Jornalismo. Concluiu o curso em 1977. Foi estagiária na *TV Universitária de Natal* e revisora no *Jornal A República*.

Enquanto muitos queriam trabalhar na televisão, eu queria trabalhar na rádio, já que era muito tímida, falava pouco e meus textos eram curtos e objetivos, mas a vida me levou para outros lados. Hoje superei um pouco esse meu jeito. Até sair da LBA, fiquei apenas na docência. (CADENGUE, 2014)

Paralelamente aos estudos, Ivonete começou a trabalhar, como agente administrativa, em 1976, na LBA Concurso. No ano de 1979 vai para São Paulo com

⁹ Ivonete foi casada com o jornalista Rogério Bastos Cadengue. O jornalista pernambucano fez parte da última turma da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza. Sua primeira experiência profissional, ainda como estudante, foi no jornal *A República*, no ano de 1973. Posteriormente fez parte da Assessoria de Comunicação do Governo do Estado (Cortez Pereira) e da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte (*Revista Imprensa*). Foi redator na Dumbo Publicidade e Propaganda; trabalhou na *Rádio Poti*, nos jornais *Diário de Natal* e *Tribuna do Norte*. Atuou como chefe de reportagem e editor na *TV Universitária de Natal*. Em 1978 retorna à UFRN como docente. Dentre muitas contribuições desse profissional, destacamos, ainda, a recriação do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Norte (Sindjorn). Fora do Estado, participou da fundação da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), foi repórter no *Diário do Grande ABC*, em Santo André (SP), repórter na Empresa Brasileira de Notícias (EBN), repórter especial no *Jornal de Brasília* e editor no *Correio do Brasil*.

Rogério Cadengue fazer o Mestrado em Jornalismo Empresarial. Finalizada a Pós-Graduação, ambos retornam para Natal e dão continuidade às suas atividades jornalísticas e acadêmicas. Ivonete ingressa na UFRN como docente. “Além de professora, estive à frente da hemeroteca do curso de Jornalismo, participei de bancas examinadoras e projetos.” (CADENGUE, 2014).

Aposentou-se da Universidade em 2004. Não manteve contato com as pessoas de sua época, nem da sua turma do curso de Jornalismo. Quando se aposentou, Ivonete pretendia viajar e aprender outros idiomas. Mas, pouco tempo depois sua mãe adoeceu e ela teve que engavetar essas ideias.

Considerações finais

Enveredar na pesquisa historiográfica e reconstituir trajetórias e práticas jornalísticas de mulheres na imprensa do Rio Grande do Norte do Norte não é tarefa fácil. Na busca das fontes, dos sujeitos que participaram e atuaram para escrita de dessa história, considerada subalterna pela historiografia tradicional, requer do pesquisador um olhar e uma interpretação contextualizada e configurada de um determinado período histórico.

Da imprensa escrita até a imprensa falada de hoje e, também, via internet, a mulher conseguiu superar obstáculos e vencer barreiras sociais. Elas conquistaram as redações que eram ambientes masculinizados e com práticas pertinentes ao gênero masculino como gírias e comportamentos e atitudes inerente ao homem datado e situado naquele período histórico.

De Úrsula Garcia, em 1890, até as atuais, apresentadoras, repórteres, editoras, redatoras e colunistas que formam a imprensa potiguar conquistaram espaço na opinião pública e vem provando, diariamente, que são profissionais competentes na tarefa do fazer jornalístico do Rio Grande do Norte.

Na historiografia local, verificamos que há lacunas no tocante aos lugares de atuação da mulher, entre eles a imprensa. Na intenção de reconstituir parte dessa ‘outra história’, é que reconstituímos perfis de jornalistas que ofereceram sua parcela de contribuição na construção da imprensa potiguar.

Registramos e evidenciamos, na presente pesquisa, a atuação da mulher na imprensa norte-rio-grandense por meio de um levantamento de trajetórias e perfis de jornalistas profissionais que atuaram na construção da imprensa potiguar no período investigado. Elas

atuaram como jornalistas profissionais, portadoras de diplomas universitários, consideradas como pioneiras e desbravadoras no jornalismo impresso, radiofônico e televisivo, bem como nos espaços de formação acadêmica.

Registrar a importância das práticas jornalísticas dessas mulheres no jornalismo potiguar e evidenciar seus perfis como mulheres diferenciadas é relevante para a compreensão da equidade de gênero, como também tornar público a importância da mulher no âmbito público. Muitas ficaram e foram silenciadas pela trajetória da História Tradicional parecendo e deixando a entender que a história é feita apenas por personalidades masculinas, considerando-as como cidadãs de segunda categoria e excluídas da História.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. Mulheres e imprensa: passado e presente. In: RIBEIRO, Ana Paula Goular; HERSCHMANN, Micael (Orgs.). **Comunicação e história: interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Mauad X: Globo Universidade, 2008. p. 147 – 158.

BARBOSA, Marialva. Como escrever uma história da imprensa? In: II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2004, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2004. 1. CD-ROM.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa feminina**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990 (Série Princípios).

CADENGUE, Ivonete de Freitas. Entrevista concedida a Reijanete Januário S. Silva e Jéssika Sibelly Pereira Bessa. Natal: 09 jul. 2014.

CARVALHO, Isabel Cristine Machado de. **Sutilezas femininas de Palmyra Wanderley**. Natal: EdUnP, 2012.

CARVALHO, Isabel Cristine Machado de; ROCHA NETO, Manoel Pereira da; MENDES, Andréia Regina Moura. A contribuição de Maria do Céu Pereira Fernandes na imprensa norte-rio-grandense (década de 1930). In: **Prêmios Universidade Potiguar de incentivo à pesquisa e comunicação científica e incentivo à extensão e responsabilidade social**. Natal: EdUnP, 2011. p. 9-72. (Coleção Excelência em Pesquisa e Extensão, v.1)

CASCUDO, Luís da Câmara. **O livro das velhas figuras**. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1976.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes. Rio de Janeiro: Florense; Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta**: vida e obra. Natal: EDUFRN, 1995.

GOMES, Otêmia Porpino. **Imprensa feminina**: o jornal A Esperança (1903-1909). 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1999.

GOMES, Otêmia Porpino. **Formação do jornalista potiguar**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

_____. Presença feminina na imprensa potiguar. In: II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2004, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2004. 1. CD-ROM.

MELO, Manoel Rodrigues de. **Dicionário da imprensa do Rio Grande do Norte (1909-1987)**. Natal: Fundação José Augusto, 1987.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de (Org.). **A mulher em nove versões**. Natal: EDUFRN, 2001.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Chicuta Nolasco Fernandes, intelectual de mérito**. Natal: Editorial A República, 2006. (Série Educação e Educadores do Rio Grande do Norte, v. II)

NOGUEIRA, Elisângela de Araújo. **Dolores Cavalcante**: entre a docência e o jornalismo em Ceará-Mirim/RN (1903-1930). 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução por Denise Bottamann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

ROCHA NETO, Manoel Pereira da. Telejornalismo: a mulher e as primeiras imagens. In: MORAIS, Maria Arisnete Câmara de (Org.). **A mulher em nove versões**. Natal: EDUFRN, 2001. p. 99-103.

_____. **Júlia Medeiros**: uma trajetória entre a educação e a imprensa no Rio Grande do Norte. Natal: Infinita Imagem, 2013.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Revista educação e realidade. Porto Alegre: UFRGS, jul-dez 1995, p. 71-99.

STRELOW, Aline. A pesquisa em história do jornalismo no Brasil: 2000 a 2010. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)**. v.2, n.1, p. 11-18, jan. 2013/jun. 2013.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Manuad, 1999.

VIDAL, Diana Gonçalves. Um olhar sobre os estudos de gênero em história da educação no Brasil. In: MORAIS, Christianni Cardoso. (Org.). **História da educação:** ensino e pesquisa. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 11-26.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

RAMOS, Regina Helena de Paiva. **Mulheres jornalistas:** a grande invasão. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010.